

A PESQUISA PLOTINIANA NA LITERATURA BRASILEIRA: APONTAMENTOS SOBRE TRADUÇÕES, MATERIAIS DE PESQUISA E FERRAMENTAS HISTORIOGRÁFICAS

Robert Brenner Barreto da Silva¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o status da pesquisa plotiniana na literatura brasileira. Isto é, avaliar obras de traduções, materiais de pesquisa e de historiografia, com o propósito de diagnosticar se os recursos disponíveis são satisfatórios. Identifica-se a carência de léxicos e estudos sistemáticos que relacionem Plotino e os “pré-socráticos”, assim como as escolas helenísticas do epicurismo, estoicismo e ceticismo. Argumenta-se pela pertinência de estudos sobre problemas filosóficos, tais como os de ética e política ainda marginalizados em comparação aos temas clássicos da mística e do Uno. Para tal, leva-se em consideração os dois repertórios bibliográficos produzidos sob a direção de Luciana Santoprete e Loraine Oliveira (2010, 2020), publicados nos periódicos *Archai* e *Classica*. Pretende-se indicar caminhos promissores à produção bibliográfica sobre a filosofia de Plotino para subsidiar o desenvolvimento de trabalhos diversos, dentre os quais os de projeto de mestrado e doutorado.

Palavras-chave

Plotino; pesquisa; Brasil; repertório; historiografia.

¹ Professor Adjunto – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil.
E-mail: robert.brenner@uece.br

Abstract

The aim of this work is to reflect on the status of Plotinian research in Brazilian literature. That is, to evaluate translation works, research materials and historiographic tools, with the aim of diagnosing whether the available resources are satisfactory. There is a lack of lexicons and systematic studies that relate Plotinus and the “presocratics”, as well as the Hellenistic schools of Epicureanism, Stoicism and Skepticism. It is argued for the relevance of studies on philosophical problems, such as those of ethics and politics that are still marginalized in comparison to the classical themes of mysticism and the One. To this end, we take into account the two bibliographic repertoires produced under the direction of Luciana Santoprete and Loraine Oliveira (2010, 2020), published by *Archai* and *Classica*. The purpose is to indicate promising paths for bibliographical production on Plotinus’ philosophy to support the development of various works, including master’s and doctoral projects.

Keywords

Plotinus; research; Brazil; repertoire; historiography.

Introdução

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o status, isto é, a condição bibliográfica das traduções, materiais de pesquisa e obras historiográficas relacionadas a Plotino (204/205 - 270 d.C.) na literatura brasileira. A razão para a pertinência desse empreendimento se deve à premissa de que tais recursos acadêmicos constituem o contexto que torna possível o acesso e a discussão dos temas e problemas interpretativos da filosofia de Plotino.

Em paralelo, como se pretende demonstrar adiante, embora a pesquisa plotiniana brasileira experimente progressos entre os anos de 1991 e 2020, há inúmeras lacunas e desafios bibliográficos com as quais a comunidade especializada tem de lidar. Assim, o presente texto pode subsidiar a elaboração de projetos de pesquisa de mestrado e doutorado, bem como produções diversas, incluindo artigos e livros, na medida em que ressalta os objetos mais promissores em relação às lacunas da bibliografia atual.

Há excelentes trabalhos científicos, indexados em periódicos nacionais, os quais estão voltados à recensão dessa produção bibliográfica, porém eles se concentram na associação da filosofia de Plotino ao neoplatonismo e, mais importante, estão focados em assinalar e quantificar o que existe de publicações referentes aos respectivos autores neoplatônicos, sem que se tenha realizado uma análise crítica ou qualitativa sobre o que foi produzido especificamente acerca de Plotino.

A esse respeito, antes de qualquer nota ulterior, deve-se ter em alta conta a fabulosa contribuição das pesquisadoras e filósofas brasileiras, Luciana Gabriela Santoprete (CNRs) e Loraine Oliveira (UFPE), com a colaboração de Emmannuela Freitas de Caldas (UnB) e Mayã Fernandes (UnB), em virtude dos dois repertórios bibliográficos sobre Plotino e Neoplatonismo que elas confeccionaram em 2010 e 2020. Entre o primeiro e o segundo repertório houve um fluxo de pesquisa que perdurou uma década, além dos anos de preparação que antecederam aquela primeiríssima recensão. Tal projeto demonstra o fôlego de tais esforços. É sobre esses repertórios, majoritariamente, que nossa presente reflexão se fundamenta.

Ocorre que, à luz dos referidos repertórios bibliográficos, ainda não são discutidas, por exemplo, as diferenças temáticas ou de conteúdo existentes entre os textos ali recolhidos. E, de fato, não é essa a natureza nem, por conseguinte, a intenção dos repertórios, qual seja, operar com avaliações críticas específicas. A grandeza desses materiais está em promover a coleta dos dados de produção acadêmica ao longo do tempo, de modo a tornar possível o tipo de exercício que aqui está sendo proposto: o de reflexão

crítica a respeito do que foi elaborado em matéria de pensamento plotiniano em língua portuguesa, mais detidamente os recursos considerados propedêuticos à pesquisa filosófica, conforme são aludidos pelo subtítulo “traduções, materiais de pesquisa e ferramentas historiográficas”.

Nesse diapasão, como não poderia deixar de ser, previamente deve ser dito que os apontamentos pretendidos por nosso trabalho tocam apenas uma parcela do universo bibliográfico a respeito da filosofia de Plotino. Para o futuro, é possível delimitar temáticas ainda mais singulares, tais como a da Alma, Cosmologia, Antropologia e a partir delas avaliar o alcance dos textos disponíveis, além de assinalar os seus problemas interpretativos e lacunas próprias. Feita essa ressalva, pode-se observar que a presente ferramenta de análise é bastante profícua e ela mesma promissora.

Se nos voltarmos aos referidos repertórios, aduz-se que eles exploraram diversas vertentes do pensamento neoplatônico, incluindo filósofos como Boécio, Damáscio, Jâmblico, Porfírio e Proclo (na ordem do índice), ao passo que nosso artigo isola a filosofia de Plotino desse conjunto maior. Esse trabalho almeja, então, realizar não um levantamento exaustivo de tudo o que foi publicado, mas discernir criticamente entre recursos de pesquisa que apresentam maior e menor disponibilidade na literatura, considerando não apenas as quantidades, mas a relevância teórica que essas ferramentas possuem para os estudos plotinianos brasileiros.

Para tal, serão consultados, além dos dois repertórios que dão conta das publicações relativas aos períodos 1964-2010 e 2010-2019, textos em língua inglesa, provenientes de universidades estrangeiras, apenas como parâmetro internacional de comparação. A proposta é eleger exemplos que sejam paradigmáticos e que, portanto, capturem o mínimo essencial à caracterização de determinada lacuna em termos de materiais e ferramentas de pesquisa. Assim, trata-se muito mais de destacar essas faltas, não para negar o progresso acadêmico, mas para demonstrar que é pertinente fomentar a pesquisa filosófica sobre Plotino no Brasil.

Duas são as chaves teóricas, as quais, por sua vez, constituem seções desse artigo: i. *Comunidade de pesquisa e o estado da arte da obra de Plotino*: tendo por base os repertórios, as traduções disponíveis dos tratados do *corpus plotinianum* e a organização dos estudos pelos pesquisadores brasileiros, almeja-se apresentar uma concepção do quadro bibliográfico geral, observando avanços e desafios; ii. *Materiais de pesquisa, léxicos e ferramentas historiográficas*, tais como vocabulários ou léxicos técnicos sobre a filosofia

de Plotino; tendo em mente obras que versem, sobretudo, a respeito da relação historiográfica entre Plotino e a antiguidade greco-romana.

A tradição de estudos medievais não será abordada, mas podemos mencionar que, embora haja estudos relevantes que chamam a atenção para as importantes conexões entre Plotino e o medievo, considerando particularmente as recepções da filosofia árabe,² elas ainda não foram exploradas devidamente em materiais de pesquisa brasileiros. É mais comum encontrar artigos que articulam Plotino e Agostinho ou que discutam a relação filosófico-teológica entre neoplatonismo e cristianismo.³ Idem em relação à tradição moderna e contemporânea, não serão discutidas, porém igualmente nota-se que são poucos os recursos de sistematização. Acha-se a importante contribuição de Edrisi Fernandes (UFRN) que, a propósito da problemática metafísica do mal, perpassa o idealismo alemão e a recepção de Schelling. Em seu artigo (2013), o autor examina, entre outros temas, a interpretação de que Plotino teria realizado a transição do Bem originário para a matéria e o mal de modo perspicaz, porém insuficiente. Em termos de relações contemporâneas, cabe indicar o curso de Bergson traduzido para o português (2000), além dos trabalhos de Pierre Hadot (2002 & 2019), ambos disponíveis em traduções brasileiras.

A atenção maior é aquela conferida à segunda seção, cuja argumentação indica a falta de estudos sistemáticos que articulem Plotino e pré-socráticos, bem como as escolas helenísticas, nomeadamente epicurismo, estoicismo e ceticismo. Ou seja, prioriza-se o plano teórico da antiguidade. Por fim, pelo escopo e extensão desse trabalho, cabe somente apontar certos problemas interpretativos que permanecem mais afastados das pesquisas brasileiras, não obstante serem reconhecidamente centrais para a compreensão da filosofia de Plotino. Ao fazer esse exercício, espera-se oferecer uma propedêutica aos estudos avançados, que possam tomar as presentes sugestões bibliográficas como pistas úteis à construção dos trabalhos sobre as *Enéadas*.

² A esse respeito, Galileia (2017: 58) comenta: “Em outras palavras, a *Teologia do pseudo Aristóteles*, que corresponde a uma paráfrase das *Enéadas* IV-VI, de Plotino, não só serve para demonstrar como o neoplatônico foi conhecido, mas também para mostrar a tentativa de conciliar aristotelismo e neoplatonismo no mundo árabe”.

³ Por exemplo, Di Silva (2018) relaciona Plotino e Agostinho.

1. A comunidade de pesquisa e o estado da arte da obra de Plotino

O primeiro repertório bibliográfico sobre a filosofia de Plotino no Brasil foi publicado na *Archai* através de três documentos (2010), em duas partes, nomeadas “Parte I: Histórico de Pesquisa”, acompanhada ainda de um anexo; e “Parte II: Elenco de Autores e Títulos” como integrante de uma empresa maior: a de repertoriar também o estado da arte relativo ao neoplatonismo, no interior do qual Plotino figura como a principal referência, isto é, em termos de ser o filósofo mais pesquisado entre os autores indexados pela recensão.

Ambas as partes desse primeiro repertório, prévio ao catálogo de suas respectivas amostras bibliográficas, são antecedidas por textos introdutórios produzidos pelas autoras (Luciana Santoprete, Loraine Oliveira e Emmanuela Caldas), os quais dão conta de explicar as escolhas metodológicas que nortearam o trabalho e a indicação sumária dos conteúdos abordados pelo repertório. Inclui uma informação bastante útil sobre a cronologia de filósofos neoplatônicos e suas principais escolas. É especialmente relevante a parte II, pois contém uma seção intitulada “análise de dados”, cujo estilo de escrita e argumentação é semelhante ao adotado para a redação de nosso artigo.

Não obstante, tal subtópico se concentra mais na linha do tempo referente às publicações e finaliza com uma breve nota crítica, que pondera a respeito dos desafios bibliográficos a serem enfrentados pela comunidade especializada do Brasil, não se propondo, no entanto, a nomear objetos específicos, excetuando-se a oportuna indicação de que “estética” e “mística” (cf.2010: 241) receberam número maior de pesquisas.

O segundo repertório (2020), por sua vez, foi publicado pela *Classica*. Como descrevem as autoras da pesquisa (além de Santoprete e Oliveira, Mayã Fernandes figura como coautora), essa recensão dá continuidade ao trabalho publicado em 2010. É também antecedido por uma excelente apresentação que oferece um panorama dos avanços relativos à última década, revelando o crescimento vertiginoso da pesquisa neoplatônica e plotiniana. A recensão é acompanhada de gráficos, além de catálogos com índices de autores, tradutores e assuntos.

Por outro lado, falta, ainda, demarcar mais claramente quais as lacunas e problemas a serem enfrentados pela nossa comunidade acadêmica a partir da tomada de consciência do que foi feito e do que há por fazer. Essa carência é abordada nos trabalhos, porém de modo geral e alusivo. No espírito daquela seção de análise, deve-se interpretar os referidos dados de

pesquisa no horizonte crítico da filosofia. Para começar, é significativo que somente em 2019, pela Editora Acrópole, nós tenhamos tido acesso em língua portuguesa, na íntegra, ao *Corpus Plotinianum*, isto é, às *Enéadas* de Plotino.⁴

Entre 2014 e 2019, os referidos tomos que compõem a tradução e edição completa de José Seabra (USP) e Juvino Maia (UFPB) foram publicados. Em razão de sua atualidade, inclusive, é natural que tais trabalhos ainda estejam por ser devidamente apreciados e apropriados pela comunidade acadêmica, a fim de consolidá-los como versões padrão para as consultas e produções bibliográficas sobre Plotino em língua portuguesa. É digno de nota que essa tradução integral tenha sido realizada diretamente do grego e promovida em edição bilíngue. As traduções anteriores nem sempre foram concebidas diretamente da língua helênica.

Isto porque dispúnhamos de traduções parciais, de seleções de textos, como o tratado V.8 [31], *Acerca da Beleza Inteligível*, objeto da dissertação de mestrado de Santoprete (1999, publicada como artigo em 2003)⁵ e o III.8 [30], *Sobre a natureza, a contemplação e o Uno*, referente à dissertação de mestrado de Baracat (2000, publicada como livro em 2008); o elenco de 12 tratados de Plotino reunidos por Sommerman (2000); a *Vita Plotini* de Porfírio, traduzida anexa ao célebre estudo introdutório de Ullmann, (2002); idem aqueles relativos à segunda *Enéada* (Lupi, 2002); textos individualizados como o tratado V.3 [49], *Sobre as Hipóstases que Conhecem*

⁴ Porfírio, discípulo de Plotino, edita as *Enéadas*, seis coleções contendo nove tratados cada uma (novenas), o *corpus plotinianum*, e compõe a *Vita Plotini*, que discorre sobre o ordenamento dos tratados e fornece uma narrativa biográfica sobre o desenvolvimento da obra de Plotino. Ainda como parte dessa atividade editorial está a atribuição dos títulos conferidos aos tratados. A *Vita* pode ser consultada, em língua portuguesa, na tradução de Baracat (2006) ou de Ullmann (2002). Sobre a referência às *Enéadas* de Plotino propriamente, ela segue a referência padrão (Cf. Rosseti, 2006: 177) em que se indica o grupo de *Enéadas* (I a VI), a posição sistemática do tratado no grupo (1 a 9), a ordem cronológica (1 a 54). Costuma-se referir também o intervalo de linhas, na última parte da citação. A respeito da divisão conferida por Porfírio aos escritos de Plotino, isto é, na forma de *Enéadas*, é sempre oportuno reportar a explicação sintética de Brandão (2020: 4): “A ordem dos tratados segue um princípio anagógico: representam a ascensão do filósofo, do mundo sensível ao Um. A *Enéada* I trata de questões éticas. As *Enéadas* II e III, de temas cosmológicos. A *Enéada* IV, de temas relativos à Alma; a V tem como tema o Intelecto e, por fim, a VI, trata do Um”.

⁵ Em geral, as datas atribuídas às dissertações seguem o período indicado pelos autores nos perfis dos pesquisadores publicados na *plataforma Lattes*.

e sobre o que Está Além, traduzido por Gollnick (2005) também no contexto de mestrado.⁶

Nessa esteira, um marco para a recepção da obra plotiniana no Brasil foi a tese de doutorado de Baracat (2006), que traduziu metade das *Enéadas* (I, II e III, 27 tratados); há ainda o VI.9, *Sobre o Bem ou o Um*, traduzido por Brandão (2007 como dissertação e editado em 2020 como livro); I.9 [16], *Sobre a saída*, traduzido por Puente (2008)⁷ e o I.1 [53], *Sobre o Vivente e o Homem*, traduzido por Ferreira (2009) como apêndice de sua dissertação de mestrado. Mais recentemente, através de tese doutoral oriunda de Portugal, tivemos acesso individual também ao VI.7 (38), *Como a multidão de Formas veio a existir e sobre o Bem*, elaborada por Santos (2013). Como capítulo de livro, o tratado III.7 [45], *Sobre a Eternidade e o Tempo*, foi reapresentado por Baracat (2014). Pela Edipro, na tradução de Maria Silva (2015), foi disponibilizada uma nova tradução para o III.5 [50] *Do Amor*.

Desta feita, como até 2019 inexistia acesso integral às *Enéadas* em língua portuguesa, os pesquisadores brasileiros tinham de se socorrer, por exemplo, nas traduções inglesas (Gerson, 2018; Armstrong, 1966), espanhola (Igal, 1992) ou francesa (Bréhier, 1989); modernamente, tendo como edição de referência o trabalho de Henry & Schwyzer (1964-1982). Em tempo, é importante enaltecer a profícua colaboração, no contexto dos estudos clássicos brasileiros, entre as letras clássicas e a filosofia antiga. Grande parte das traduções e comentários que permitem o acesso qualificado à filosofia de Plotino provém de esforços de pesquisadores que foram forjados nas letras gregas. Das traduções repertoriadas, as que foram elaboradas por filósofos constituem exceção.

No caso em lide, isto é, o das traduções, talvez pudéssemos considerar que, a partir da ampliação para a língua lusófona, encontraríamos uma boa tradução proveniente de Portugal, o que é praxe rastrear nas filosofias de Platão e Aristóteles. No entanto, a esse respeito, um estudo atualíssimo

⁶ Deve-se destacar que boa parte dessas traduções parciais não foram feitas diretamente do grego. Para dar apenas um exemplo, a versão do V.3 [49], presente na dissertação de Gollnick (2005: 12), foi construída da seguinte maneira: “Tal tradução foi feita a partir de uma comparação dos textos em francês, de Ham, e em inglês, de Armstrong, recorrendo-se ao grego apenas com o intuito de melhor escolher algum termo e de elucidar passagens obscuras. Não tendo sido inteiramente feita a partir do original grego [...]”. Ou seja, além do acesso à obra em língua portuguesa ter sido parcial até recentemente, muitas vezes foi também indireto, no sentido de que dependia da recepção de textos em línguas terceiras ou intermediárias entre o grego e o vernáculo. As edições bilíngues são raras também.

⁷ Com temática relacionada ao suicídio, esse tratado encontra-se traduzido em uma coletânea de textos filosóficos a respeito desse tópico.

(Rebalde, 2024: 25, grifo nosso), após repertoriar um conjunto de traduções estrangeiras, pondera que: “Espera-se que estas traduções possam resolver da melhor maneira a ausência até há poucos anos de traduções completas para a língua portuguesa. *Feita em Portugal, não há até hoje nenhuma tradução integral da obra de Plotino*”.

Portanto, o fato de que só tão tardiamente tenhamos a obra de Plotino em nosso vernáculo é uma das evidências mais robustas da posição ainda marginal da filosofia do neoplatônico nas pesquisas acadêmicas em nível de pós-graduação no Brasil. Soma-se a isso a escassa bibliografia relativa a ferramentas de pesquisa, o que se pretende mostrar adiante. Nesse interlúdio, à guisa de contextualização do estado da arte, é sintomática também a participação oscilante dos pesquisadores de neoplatonismo e de Plotino na Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), principal agremiação filosófica do Brasil.

Para ficar na edição mais recente (2024), o *Grupo de Trabalho (GT) Neoplatonismo* contabiliza 05 trabalhos inscritos, dos quais apenas 01 é específico sobre Plotino, contra 47 de Filosofia Antiga, 29 do GT *Platão e o Platonismo* e 12 daquele que se concentra em Aristóteles.⁸ Pela tradição e pelo rol de autores que cobrem, não se esperaria que os respectivos GT's fossem equivalentes, mas um quantitativo tão destoante sinaliza a necessidade de consolidação da comunidade neoplatônica e plotiniana.

Na verdade, convencionalmente os estudos da antiguidade tardia costumavam ser incorporados à rubrica “Filosofia Antiga”. É notável que, mesmo após o estabelecimento do Grupo de Trabalho Neoplatonismo, os escritos produzidos no evento da ANPOF-2018, em Vitória-ES, foram publicados como livro justamente na edição da *Filosofia Antiga* (cf. Costa *et al.*, 2019) e dos textos ali reunidos poucos são os que versam sobre Plotino.

Nesse sentido, o dado sobre a ANPOF é ambíguo: por um lado, evidencia as lacunas acadêmicas próprias ao campo de pesquisa supracitado, por outro, é revelador do crescimento da comunidade neoplatônica, que mais recentemente tem a possibilidade de se organizar como Grupo autônomo. Não fosse o trabalho hercúleo de pesquisadores como Cícero Bezerra (UFS/CNPQ), Coordenador do GT Neoplatonismo junto à ANPOF, que possibilitam a existência de uma percepção dos avanços e limites desse referido Grupo, a diluição de pesquisas como as que são realizadas sobre Plotino restaria imperceptível.

⁸ Conforme o documento “Relações de trabalhos aprovados para os grupos de trabalho do XX Encontro ANPOF, 2024” referenciado ao final.

Para contrabalancear esse diagnóstico que capta uma fotografia apenas momentânea, convém destacar que os especialistas produziram dois dossiês sobre Plotino e neoplatonismo, sob a organização de Loraine Oliveira (*Archai*, UnB, 2013) e o mais recente de Cícero Bezerra (*Perspectiva Filosófica*, UFPE, 2022). Outra publicação de grande vigor e que corrobora a constatação de progresso entre os inícios da pesquisa plotiniana brasileira dos anos de 1990 à década de 2020 é a da coletânea *Mística e os Místicos* (2022), na medida em que reuniu uma plêiade de pesquisadores de alto nível a propósito de pensar sobre um tema para o qual a presença de Plotino é incontornável. Ressalte-se, ainda assim, que tanto o dossiê da *Perspectiva Filosófica* quanto o livro sobre Mística, publicado pela Editora Vozes, cobrem autores e temas não exclusivos a Plotino.

A partir desses dados, resulta fundamentada a intuição preliminar – que é dupla – de certa marginalidade que os temas neoplatônicos e plotinianos, em particular, ocupam no contexto geral da pesquisa universitária e mesmo no plano interno das pesquisas em filosofia antiga ou estudos clássicos greco-romanos no cenário nacional. Ao mesmo tempo, acham-se os sinais de que essa comunidade tem se fortalecido e que pode se desenvolver ainda mais, desde que bem orientada enquanto comunidade.

2. Materiais de pesquisa, léxicos e ferramentas historiográficas

Ao nos concentrar em dois exemplos, os mais consagrados à luz dos estudos em filosofia antiga, Platão e Aristóteles, constata-se que os referidos filósofos contam com razoável gama de recursos e materiais de pesquisa em língua portuguesa. Além de reconhecida tradição de traduções portuguesas de suas obras clássicas, sejam do Brasil ou de Portugal, do filósofo da Academia, por exemplo, há o *Léxico de Platão* (Schäfer, 2012) pelas Edições Loyola e o *Vocabulário de Platão* pela coleção da Martins Fontes, que é a tradução brasileira do trabalho realizado pelos consagrados helenistas Luc Brisson e Jean-François Pradeau (2010).

Nessa mesma coleção encontra-se o *Vocabulário de Aristóteles* de Pierre Pellegrin. De Aristóteles há trabalhos autorais brasileiros, como o de Lucas Angioni (2018: 295), o qual, embora advirta que “compará-lo a um léxico filosófico contemporâneo é enganador, impróprio e decepcionante”, fornece excelente material de pesquisa. A sua observação está relacionada à natureza do livro V da *Metafísica* de Aristóteles que, não obstante tomado como léxico pela tradição, apresenta várias especificidades em relação ao gênero contemporâneo que lhe é cognato. Contudo, o comentário de

Angioni, atrelado ao texto da *Metafísica*, disponibiliza ferramenta lexical de máxima valia.

É notável, portanto, que se de Platão e Aristóteles possuímos léxicos traduzidos para a língua portuguesa ou mesmo originalmente escritos em nosso vernáculo, de Plotino não há ainda simplesmente nenhum disponível. O silêncio sobre esses materiais pode ser observado quando do exame dos repertórios. No livro coordenado por Barbara Cassin, cuja edição brasileira conta com a organização dos pesquisadores brasileiros Fernando Santoro (UFRJ) e Luísa Buarque (PUC-Rio), de título *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*, manifesta-se o caráter não acessório do cuidado com as línguas e vocabulários técnicos:

A multiplicidade não está apenas entre as línguas, mas em cada língua. Uma língua, tal como a consideramos, não é um fato da natureza, um objeto, mas um efeito tomado na história e na cultura, e que não cessa de inventar – outra vez, *enérgeia* em vez de *érgon*. Tanto que o objeto do dicionário é constituído pelas línguas em suas obras, e pelas traduções dessas obras em diferentes línguas e diferentes épocas. As redes de palavras e de sentidos que procuramos pensar que são redes de idiomas filosóficos datáveis, instalados por autores específicos, em escritos particulares, são redes singulares e pontuais, ligadas à destinação (exotérica ou esotérica), ao padrão de língua e estilo, à relação com a tradição (modelos, referências, palimpsestos, rupturas, inovações). Todo autor, e o filósofo é um autor, ao mesmo tempo em que escreve em uma língua, produz a sua língua – como diz Schleiermacher sobre a relação entre um autor e sua língua: ‘ele é o seu órgão e ela é o seu’ (Cassin, 2018: 20).

A afirmação de Cassin nos é emblemática: o filósofo, ao mesmo tempo em que escreve em uma língua, produz a sua língua. Se não é verdadeiro pressupor que os vocabulários técnicos resolvam as controvérsias linguísticas, conceituas e filosóficas, também não é razoável considerar que eles são dispensáveis a propósito da árdua tarefa de realizar exegese de filósofos antigos. Em sentido oposto, tais recursos são fundamentais ao trabalho rigoroso de interpretação. No entanto, sobre Plotino não há nada em língua portuguesa. Uma possibilidade objetiva para suprir essa carência seria traduzir o *lexicon plotinianum* (1980) e uma alternativa ousada, que implica tarefa mais desafiadora, seria a de produzir um material original a esse respeito.

Tal inovação representaria grande ganho, inclusive em termos de contribuição internacional, uma vez que atualizaria o estudo técnico sobre o vocabulário conceitual de Plotino. Por ser uma pesquisa de grande fôlego, provavelmente requereria financiamento específico com o trabalho conjunto de três ou mais docentes pesquisadores, a desempenharem função de autores ou organizadores, junto a uma equipe de bolsistas pós-

graduandos e/ou professores colaboradores. Nesse caso, também faria total sentido reunir profissionais das letras clássicas e da filosofia antiga.

Para alternar entre lacunas e avanços, é correto dizer que, nas últimas décadas (1990-2020), houve avanços importantes no domínio de comentários filosóficos aos textos de Plotino, gênero que abrange estudos técnicos valiosos à pesquisa bibliográfica. A maioria desses materiais foram veiculados como dissertações de mestrado e teses de doutorado ou simplesmente como estudos que acompanham o conjunto de traduções parciais que repertoriamos na seção anterior. Uma exceção é o artigo *Notas sobre lógica e dialética em Plotino* de Loraine Oliveira (2007), que analisa o tratado I.3 [20] “*Sobre a Dialética*” de Plotino sem realizar tradução e sem constituir trabalho acadêmico de dissertação ou tese. Para não ser repetitivo, a consulta a esse rol de trabalhos pode ser feita mediante a leitura dos repertórios de 2010 e 2020 supracitados.

Contudo, esses trabalhos se concentram em tratados específicos, não fazendo, em geral, análise passo a passo dos textos; isto é, por uma razão ou por outra, não há uma pesquisa da envergadura de Paul Kalligas, *The Enneads of Plotinus: a commentary*, que possa cobrir um estudo comentado das *Enéadas* em seu todo e capítulo a capítulo dos tratados. No primeiro volume (2014), o estudioso comentou as três primeiras *Enéadas*; no segundo (2021), comentou a quarta e quinta, restando a sexta e última *Enéada* para a conclusão desse projeto em língua inglesa, pois, originalmente, tais estudos foram escritos em língua grega.

Sem falar na empresa editorial da *Parmenides Publishing*, que tem confeccionado comentários específicos aos tratados de Plotino, também na perspectiva de formar um conjunto global dos escritos das *Enéadas*. Para citar somente dois exemplos, temos o trabalho de Arruzza (2015), *Plotinus Ennead II.5 On What Is Potentially and What Actually - Translation with an Introduction and Commentary* e A. A. Long (2022), *Plotinus Ennead II.4 On Matter - Translation with an Introduction and Commentary*. Novamente, então, mesmo nas áreas em que a pesquisa brasileira conta com mais recursos bibliográficos, ela deve ser fomentada para avançar mais.

Do ponto de vista da dimensão da história da filosofia, isto é, da relação da obra de Plotino com a tradição filosófica, há estudos importantes relacionando Plotino a Platão e Plotino a Aristóteles, tais como *Platão e Aristóteles na doutrina do noûs de Plotino* (Szlezák, 2010), tradução de Monika Ottermann. Nessa esteira, *A metafísica de Plotino* (Narbonne, 2014), tradução de Maurício Marsola (UNIFESP), que percorre variadas referências de Plotino à tradição grega. Contudo, além de serem

necessárias mais reflexões sistemáticas que analisem as profícuas relações entre esses consagrados filósofos, falta um estudo detido sobre a relação entre Plotino e os pré-socráticos, por exemplo, bem como entre Plotino e as escolas helenísticas (especialmente o epicurismo, o estoicismo e o ceticismo).

Em língua portuguesa, não há nada semelhante ao trabalho de Gianni Stamatellos (2007), *Plotinus and the Presocratics: A Philosophical Study of Presocratic Influences in Plotinus' Enneads* a respeito da articulação entre Plotino e os “pré-socráticos”. O autor percorre influências de Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Anaxágoras, Empédocles, entre outros, associando-os aos temas da cosmologia, do corpo, da matéria, do ser, da alma, da eternidade e do tempo. Além de realizar esse exercício filosófico-interpretativo, oferece ferramentas de pesquisa absolutamente essenciais como o mapeamento dos fragmentos dos pré-socráticos nas *Enéadas* de Plotino, através de um apêndice. Todo o trabalho é bem contextualizado e consciente das recepções de Platão e Aristóteles.

Na pós-graduação, fiz uma breve remissão a Empédocles (Silva, 2021), porém muito preliminarmente, sem o aprofundamento exegético apropriado. Há o excelente estudo de Marcus Pinheiro (UFF), que, esse sim, promove uma análise articulando Parmênides e Plotino por meio de uma exegese combinada (2007). Mas essas são ilustrações muito pontuais em relação ao desafio acadêmico que nos impõe a vasta e importante tradição filosófica greco-romana. Ora, além da cosmologia grega em geral, destaca-se o papel essencial da ontologia e da epistemologia eleáticas na construção da filosofia plotiniana, herdeira das recepções de Platão e Aristóteles, mas centralmente vinculada à tradição dos primeiros filósofos gregos. Prova disso é o *locus* conferido a esses pensadores no tratado V.1 [10] *Sobre as Três Hipóstases Primárias* (Primeiras ou Principais) de Plotino.

Há, por isso, um longo caminho a se percorrer na teia que une Plotino aos pré-socráticos. Como é sabido, Plotino é fonte doxográfica preciosíssima, o que é possível consultar a partir do estudo seminal de Stamatellos. Alexandre Costa (UFF), pesquisador brasileiro de grande envergadura, fez um trabalho semelhante, mas sobre Heráclito (2002: 141). Nesse estudo, inclusive, Plotino figura como uma das fontes doxográficas de Heráclito, no fragmento DK 22 B 84:⁹ “transmutando-se, repousa”; que se acha na *Enéada* IV 8 [6] 1. O desejável seria contar com um estudo similar ao de

⁹ Referência padrão (cf. Rossetti, 2006: 188) à edição de “Diels-Kranz”, assinalando a posição do autor [Heráclito] no catálogo dos pré-socráticos (22), o tipo de texto como fragmento (B) e o *locus* ocupado pelo fragmento no ordenamento do filósofo (84).

Alexandre Costa, tendo como uma das diferenças o fato de que, inversamente, Plotino é fonte para conhecimento da recolha dos fragmentos.

Nessa mesma linha, falta um estudo que avalie as influências das escolas helenísticas, notadamente epicurismo, estoicismo e ceticismo. Não há obras sobre a associação de Plotino a nenhuma das escolas individualmente, menos ainda a respeito delas em conjunto. Nas entradas constantes nos repertórios, por exemplo, é sintomático o fato de o “ceticismo” aparecer uma única vez (cf. Santoprete, 2010a: 265).

É verdade que mesmo na comunidade internacional há uma carência bibliográfica maior sobre a relação entre Plotino e ceticismo. Pelo menos em termos de livros que deem tratamento mais detalhado. Também é necessário reconhecer o caráter controverso da própria associação de Plotino ao ceticismo. Chiaradonna (2023: 31), por exemplo, pondera que “Se o paralelo conceitual é inegável e muito fecundo, mais difícil, contudo, é estabelecer se Plotino realmente se inspirou em argumentos céticos [...]”. O estudioso acrescenta que “não é fácil estabelecer [...] se o pirronismo e o ceticismo acadêmico faziam efetivamente parte da bagagem filosófica de Plotino”. Antes dessas notas, contudo, ele registra que “os argumentos dirigidos pelos céticos contra a possibilidade de conhecimento, reportados por Sexto Empírico, foi já notada por Émile Bréhier e foi examinada de modo acurado em estudos recentes”.

Fato é que a relação filosófica entre os argumentos de Plotino e os céticos é patente e instigante, certamente muito mais pelo espírito hermenêutico da polêmica do que por adesão de Plotino aos princípios daquela escola. Se em língua portuguesa contamos com o excelente artigo de Marsola (2007), “Plotino e o Ceticismo”, em língua inglesa há uma gama maior, a qual inclui os estudos consagrados de O’Meara (2000), *Scepticism and Ineffability in Plotinus*, Magrin (2010), *Sensation and Scepticism in Plotinus*, além de Opsomer (2017), *Plotinus and Scepticism*, para citar três de muitos outros *papers* e capítulos de livros. Ora, a polêmica cética é tomada por Plotino como fundamental para a sua investigação acerca dos gêneros de conhecimento. Em especial, para a problemática do autoconhecimento e da Hipóstase Intelecto (*Noûs*). Essa discussão filosófica é mais saliente no tratado V.3 [49]. O pesquisador brasileiro reconstituiu esse quadro nos seguintes termos:

[A]o se consultar o *Index fontium* da edição de Henry-Schwyzzer, constata-se a referência ao *Adversus Mathematicos* e às *Hypotyposes* em 30 passagens ao longo das *Enéadas* (*Plotini opera* [editio minor], vol. III: 367). Plotino não apenas mostra-se consciente da filosofia cética, mas ela é objeto de discussão, seja do ponto de

vista refutatório, seja operando como um dos elementos que compõem a argumentação referente a temas como o conhecimento de si, a base sensível do conhecimento ou a inefabilidade do Princípio. Um exame do *status quaestionis* a esse respeito leva-nos à constatação de um *número ainda reduzido de estudos, dada a importância da temática* nos referidos tratados [...] (Marsola, 2007: 248-249, grifo nosso).

Desde a publicação de Marsola em 2007, única ocorrência indexada nos repertórios consultados, novos trabalhos não foram percebidos nesse horizonte de estudos, o que torna sua referência extremamente atual. Nessa direção, também não há nada como o que foi organizado por Longo e Taormina, *Plotinus and Epicurus: Matter, Perception, Pleasure* (Cambridge, 2016), a saber, que articule Plotino e Epicurismo. Ou, no caso, do estoicismo, inexistente estudo semelhante ao que foi publicado por Graeser, intitulado *Plotinus and the Stoics: A Preliminary Study* (Brill, 1972). Em artigo publicado na *Prometeus* (2020b), voltado a uma leitura metafísico-cosmológica, fiz algumas alusões a elementos do texto de Plotino que estão relacionados a argumentos epicuristas e estoicos, mas sem o desenvolvimento sistemático dos estudos citados anteriormente.

A necessidade de trabalhos nessas grandes chaves historiográficas não se resume a mera curiosidade histórica, mas são centrais para a interpretação de problemas filosóficos relativos ao cosmo sensível, à providência, à matéria, ao mal e à liberdade, os quais, embora imanentes aos tratados plotinianos, pressupõem as filosofias helenísticas no bojo de suas formulações, sem as quais dificilmente se pode chegar a alguma interpretação acurada. Essa foi a percepção que tive também em artigo publicado na *Polymatheia* (2020a) em que, a propósito de examinar a concepção plotiniana de *eudaimonía*, ao lado dos *scholars*, constatei que Plotino estabelece diálogo claro, não apenas com a filosofia aristotélica, mas também com o epicurismo e o estoicismo.

Nosso argumento, portanto, é que esses materiais historiográficos são decisivos para a exegese dos tratados de Plotino, na medida em que são as fontes a partir das quais a filosofia é tecida dialeticamente. No entanto, observei que até 2020, quando publiquei o primeiro artigo nessa linha, não há índices nas recensões que estabeleçam a vinculação de Plotino a Epicuro ou ao Epicurismo. O termo “estoicismo”, por seu turno, aparece uma única vez, não relacionada a Plotino, mas indiretamente a Boécio (cf. Santoprete 2010: 256). Dessa forma, a julgar a possibilidade de que ainda tenhamos deixado passar uma ou outra publicação não repertoriada, com segurança podemos dizer, pelo menos, que a bibliografia nessa área é frágil.

Para não destacar somente as lacunas, é animador considerar que, graças

aos estudos de Marsola, os pesquisadores podem contar com bom acesso ao diálogo entre Plotino e o gnosticismo, bem como aos estudos sobre a Mística e o Uno, como as autoras da recensão ressaltam:

[U]ma temática muito atual nos estudos sobre Plotino vem ganhando espaço, a saber, a questão das relações entre o pensamento plotiniano e os gnósticos. Em 2018 foi publicado um livro intitulado *Estratégias antignósticas nos escritos de Plotino*, mas, em razão das dificuldades de difusão, tomamos conhecimento dessa obra somente após o fechamento deste *Repertório*. O volume é constituído de 6 artigos, sendo dois em português: o de Daniela P. Taormina, “Plotino: Memória dos inteligíveis e experiência do belo. Um argumento contra os gnósticos” (p. 13-28), traduzido por Maurício Marsola, e o dele próprio, “Os ‘homens divinos’ no contexto polêmico de 33 (II 9) 6” [...] (Santoprete, 2020: 263).

É preciso ponderar que, a despeito de que proporcionalmente certas temáticas reúnam maior quantidade de produção do que outras, e este é o caso privilegiado da Mística, do Uno e das hipóstases Intelecto e Alma (cf. Santoprete, 2010: 285-286), isso não significa que tais objetos – aqueles mais investigados – devam ser compreendidos como menos dignos de estudo ou, pior, que possam ser considerados suficientemente explorados ou resolvidos quanto às suas controvérsias. Até porque, como tem sido dito, a posição de Plotino nos estudos clássicos brasileiros é marginal, pelo menos se comparada àquela ocupada por Platão e Aristóteles. Assim, mesmo os temas mais explorados pela comunidade plotiniana ainda contêm quantidade inferior de publicações em relação aos pensadores gregos do século IV a.C.

Uma vez estabelecidas essas breves notas sobre recursos historiográficos que dão conta da relação entre o estudo da filosofia de Plotino e as escolas filosóficas antigas, é oportuno sugerir ao leitor alguns problemas interpretativos na Filosofia de Plotino, que, sendo em seu todo marginalizada nos estudos clássicos brasileiros, possui temas especialmente negligenciados.

Para começar por um tópico que talvez pareça prosaico, mas que entendo como necessário, convido o leitor a considerar a avaliação da própria escrita plotiniana. De Platão, por exemplo, contamos com a obra de Trabattoni, *Oralidade e escrita em Platão*, traduzida por Fernando Rey Puente (UFMG) e Roberto Bolzani Filho (USP), que avalia a forma dialógica da escrita platônica e sua repercussão para a interpretação da filosofia consignada. No caso de Plotino, concretamente não há nenhum trabalho repertoriado. Por outro lado, temos pistas muito interessantes e provocativas na dissertação de mestrado e na tese de doutorado (2000 e 2006) de Baracat Júnior (UFRGS):

A linguagem das *Enéadas* é um caso à parte na literatura grega. Nas *Enéadas*, dialética, exegese, alegoria e argumentação técnica se misturam ‘de modo angustiante’. A linguagem em que estão escritas é amiúde obscura e altamente elíptica. Porfírio nos relata que Longino, o maior crítico literário da época, suplicava por cópias de escritos plotinianos em perfeito estado, pois todas as que possuía apresentavam muitos erros. Entretanto, Porfírio nos assegura que as cópias em posse de Longino eram perfeitas. A verdade, revela, é que Longino, o mais eminente literato de seu tempo, não estava habituado ao estilo peculiar de Plotino expressar-se. Como se vê, o estilo de Plotino é tão elíptico, que até mesmo um grande intelectual de língua grega, contemporâneo a ele, tem certeza de que faltam palavras no livro que lê (Baracat, 2006: 39-40).

Após transmitir essa percepção crítica de parte da tradição ao texto de Plotino, em face a sua complexidade e riqueza, Baracat (2006: 42) acentua que “Plotino é um escritor que suscita grande entusiasmo em seus leitores. Talvez apenas Platão, dentre os filósofos da Antigüidade, arrebate-os tão intensamente quanto Plotino”. Jan Ter Reegen (UECE), ao citar Llyod Gerson, informa que:

[...] os escritos de Plotino dificilmente podem ser caracterizados como sistemáticos, embora exista um sistema plotiniano no sentido de que há entidades básicas, princípios de operação, e um esforço para uma explicação unificada do mundo (2007: 17).

Nesse sentido, seria pertinente investigar mais a fundo o estilo, as oscilações de gênero, enfim, as consequências filosóficas das opções redacionais e metodológicas dos tratados plotinianos. Pouco tem sido discutida a relação entre a forma de escrita de Plotino, a redação dos tratados e a natureza de sua empresa filosófica. À parte dessa dificuldade preliminar, se falamos em dificuldade interpretativa no campo da filosofia plotiniana, é inevitável mencionar a controvérsia existente entre os especialistas acerca do conceito de matéria (*hýlē*), seja enquanto matéria do sensível ou como matéria inteligível. Stamatellos (2012: 1; 6) em seu artigo destaca, no interior dessa problemática, duas questões controvertidas: é a matéria a fonte do mal? É a matéria gerada ou não?

Tais problemas, a meu ver, não foram esgotados. Particularmente ainda está em aberta a questão da geração da matéria. Contudo, os repertórios já registram contribuições relevantes. Ressalto a dissertação de mestrado de Deysielle Chagas (PUC-Rio), que percorreu as possibilidades de interpretação de modo esclarecedor (2019). Para ficar somente em um grande quadro, no presente artigo destaco a questão ético-política. Se conjugarmos as entradas “amor, bem supremo, ética, felicidade, moral, purificação” (cf. Santoprete, 2010: 286-287), temos notícia de bons trabalhos na *ética* e há necessidade de que se construam muitos outros. Porém, o caso

mais crítico é o da *política*. Não encontramos uma menção sequer nos documentos repertoriados que a relacione a Plotino.

Desde pelo menos 2020 tenho me interessado por temas éticos. Para além do olhar amplo para essa área, em 2021 fiz as primeiras aventuras nas questões políticas. Deve-se admitir que seria enganador exigir ou pressupor que de fato houvesse bibliografia sobre política em Plotino. Como bem discerne Igal (1992: 217, tradução nossa): “Aristóteles distingue claramente entre sabedoria teórica (*sophía*) e sabedoria prática (*phrónesis*) como hábitos distintos (*Ét. Nic.* VI 3- 8). Em Platão, e com frequência em Plotino, tal distinção tende a confundir-se [...]”. Nesse sentido, há uma dificuldade, no campo ético das virtudes, de separar teoria e prática, e penso que ela é extensiva para a filosofia plotiniana em sentido geral.

Quer dizer, a filosofia de Plotino é, em primeiro lugar, uma mística filosófica ou uma metafísica, que, por sua própria razão de ser, implica mudanças morais de comportamento, reverberando na visão do homem sobre si, bem como a respeito da cosmologia, da ontologia e da epistemologia. Até mesmo o esforço editorial de Porfírio em estabelecer seis *Enéadas*, cada qual com um enfoque temático, apesar de pertinente e justificável, não deixa de ser artificial.

Segundo organizou Porfírio, os primeiros nove tratados estão exatamente na rubrica de escritos éticos ou sobre o homem. Mas praticamente todos os tratados – da primeira à sexta *Enéada* – possuem referência ao Um/Uno (*hén*), que está para além do ser, do pensar e do dizer. No entanto, se reconhecemos que a ética plotiniana não é uma prática separada da teoria ou que a moral seja um interesse desvinculado de suas bases metafísicas, é possível avançar na direção de cogitar hipóteses sobre o plano ético-político nas *Enéadas*. A esse respeito, após relembrar que Plotino, no tratado sobre as virtudes (I.2 [19]), expressa que a questão da vida humana não é “deixar de errar”, mas “ser deus”, Reegen capta com precisão qual é o sentido e do que trata a ética plotiniana:

De que modo ‘tornar-se deus’, o caminho a ser percorrido, os passos a serem dados para que este objetivo torne-se realidade, tudo isto pode, então, ser chamado a *Ética de Plotino*. É na 1ª *enéada* que se encontra o que pode ser caracterizado como as linhas fundamentais de uma ética plotiniana, que, porém, não pode ser considerada independentemente de sua metafísica: a ética está enraizada nesta metafísica e, se Plotino dela trata de forma mais indireta do que direta, isto ocorre em razão de a metafísica ser para ele uma ética, como também se constata em Platão, a grande inspiração de Plotino (Reegen, 2007: 14-15).

Fato é que há uma recepção demasiado crítica da mística no pensamento de Plotino,¹⁰ que tem a ver com a intuição de que ele seria um filósofo que se concentrou apenas em assuntos “místicos” em detrimento da atenção destinada a dilemas prático-concretos próprios à vida do homem comum. Como Almeida põe a questão (2017: 48): “a ênfase na mística como finalidade última da vida filosófica também trouxe, para o pensamento plotiniano, uma notável despolitização [...]”. Ou seja, existe uma tendência de tensionar a ética, pelo menos no sentido moral clássico, e por conseguinte a política, em face da primazia do enfoque místico.

Remes (2006: 1, tradução nossa), por sua vez, reporta essa crítica feita a Plotino: “Diz-se que Plotino mutilou Platão pela remoção do lado político de sua filosofia e por ter feito o controle da razão um fim em si e para si.” Na literatura plotiniana, é clássico o trabalho de Henry (1969: XXXVI, tradução nossa), que tece uma consideração lapidar sobre o pensamento ético-político: “[...] o homem é para Plotino fundamentalmente isolado. Ele não é, como para Aristóteles e talvez até mesmo para Platão nas *Leis*, um 'animal político'.” Dessa formulação se sobressai a afirmação de um corte que haveria entre a filosofia grega – de Platão e Aristóteles – e aquela desenvolvida por Plotino.

Ousager (2005: 12, tradução nossa) dá testemunho desse viés compreensivo, mas aposta em outra direção: “Contra a visão tradicional ainda difundida de Plotino como apolítico, apresento todas as evidências e indicações existentes para uma filosofia política em Plotino.” Robertson (2008: 61, tradução nossa), por sua vez, acentua que “[e]sta elevada imagem metafísica, contudo, tem implicações para a teoria ética e política de Plotino, tópicos de crescente interesse em estudos recentes.” Expostos esses problemas interpretativos, observados através de bibliografia estrangeira, os repertórios brasileiros, entre 1999 e 2020, não registraram nenhuma menção à política na filosofia de Plotino.

A hipótese desse trabalho é que há um bom campo de pesquisa a ser percorrido, tanto nos termos gerais da ética quanto de um pensamento ético-político contido na obra plotiniana. Não se trata de defender grandes pretensões políticas ou de forçar algum tipo de ideia que não seja orgânica em relação ao modo de pensar consignado aos tratados de Plotino, mas dar atenção à temática e discuti-la, ainda que a opção final seja fortalecer uma visão de negação da política ou de uma filosofia política.

¹⁰ Os próximos parágrafos constituem ligeiras adaptações de artigo publicado no periódico *Problemata* (2021) e de Projeto de Pesquisa submetido a PROPGPQ-UECE.

Em tese de doutorado publicada recentemente, Nascimento (2023: 19) desenvolve uma pesquisa aprofundada sobre a ética plotiniana, lançando luz sobre um aspecto provocativo: o lugar do “outro” na filosofia de Plotino. Ao fazer a advertência de que “[é] bem verdade que Plotino não explora o nexo entre metafísica e ética do mesmo modo que nos propomos a fazer” e que, portanto, “[n]osso filósofo não foca no problema do outro nem dá ênfase à necessidade de uma teoria ética ou política”, Nascimento recorre ao estudioso John Rist, que fornece um valioso conselho de pesquisa, atento ao modo muito peculiar como Plotino escreve seus tratados. Cito esse conselho na tradução disponibilizada pela tese:

Um dos maiores problemas para o intérprete de Plotino é avaliar a importância nas *Enéadas* de crenças que não são formalmente declaradas, mas permanecem implícitas, à espera de serem explicitadas por algum neoplatonista posterior. [...] [S]eria igualmente absurdo não prestar atenção a uma atitude apenas porque Plotino nem sempre a defende explicitamente (Rist, 1971: 77-78).

Uma perspectiva mais animadora talvez seja esta mesma: os estudos estão à espera de que algum neoplatonista invista sua pesquisa nos temas que não foram devidamente explicitados. Trata-se de, em primeiro lugar, avaliar a plausibilidade das hipóteses e confrontá-las com a referência primária das *Enéadas* e a literatura secundária.

Considerações finais

Percebe-se que há uma lacuna ampla de temas descobertos pela bibliografia publicada em língua portuguesa. Inclusive, muitos dos poucos títulos disponíveis no vernáculo são reflexo de traduções de pesquisas estrangeiras (eminentemente europeias, em língua inglesa, italiana, espanhola, francesa, alemã). Em termos comparativos, o que de fato se tem publicado por pós-graduandos e doutores brasileiros na forma de artigos, dissertações e teses cobre um arco ainda pequeno de temas presentes na filosofia de Plotino e em proporção reduzida se comparado ao que se tem produzido sobre Platão e Aristóteles no Brasil.

É evidentemente injusto e mesmo incorreto concluir, a partir desse balanço crítico, que não haja uma robusta bibliografia brasileira construída ao longo dos últimos anos. Os repertórios demonstram, ao contrário, o crescimento exponencial da pesquisa plotiniana e neoplatônica, pelo menos desde o final da década de 90 até nossos dias. Entende-se que, quando os esforços são articulados à luz de planejamento, os resultados tendem a ser melhores.

Assim, mais do que depender do interesse espontâneo das mentes mais curiosas (aquelas que se encontram com Plotino quase que por acaso e, então, resolvem conhecê-lo mais detidamente), é importante produzir novas pesquisas, a partir das quais sejam viabilizadas bolsas de estudos; formulados dossiês, números especiais; eventos e oportunidades na pós-graduação que possam atrair novos filósofos interessados na macro temática do neoplatonismo e, especialmente, em Plotino.

Nesse sentido, em primeiro lugar, sem o aparato bibliográfico preliminar, os trabalhos tendem a fluir com mais dificuldade, pois o pesquisador precisa fazer um amplo estudo de revisão de literatura, a fim de garimpar o que existe disponível. É claro que, em sede de pós-graduação, o acesso às línguas estrangeiras é pressuposto e permite suprir uma parcela dessas lacunas. É o que os pesquisadores brasileiros têm feito. Contudo, entendo que parte da equação responsável por fortalecer qualquer área de estudo é a divulgação científica e a formação de uma cultura de pesquisa, no caso, de estudos clássicos ou greco-romanos, que prepara e cria o ambiente mais propício ao desenvolvimento de estudos qualificados. Daí a relevância de fomentar a produção dessa bibliografia em língua portuguesa.

Destarte, a intenção manifesta é a de que o presente trabalho seja de alguma valia na perspectiva de mapear as questões fundamentais, a bibliografia básica para acesso qualificado aos temas mais sensíveis e pujantes. Além disso, pretende-se estimular novos pesquisadores a enveredarem pelas sendas das *Enéadas* de Plotino. Em termos acadêmico-científicos, as grandes questões de conhecimento somente avançam quando enfrentadas por uma comunidade de pesquisa. Não posso supor que as temáticas filosóficas estivessem fora desse horizonte que guia a produção científica.

O presente trabalho espera subsidiar a elaboração de projetos de pesquisa, isto é, de mestrado e doutorado, na perspectiva de facilitar a redação da justificativa, da pertinência ou da problemática de suas empresas filosóficas lastreadas em Plotino. Ao tomar esse artigo em mãos, o pesquisador encontra uma ferramenta para demonstrar a pertinência de seus estudos em diálogo com a comunidade brasileira e como ela se encontra em relação à pesquisa internacional, pelo menos em sentido exemplar e paradigmático.

Referências

Traduções em língua portuguesa

PLOTINO. *Enéada III*. Tradução de Juvino Maia Junior. João Pessoa: Ideia Editora, 2021.

PLOTINO: *Enéadas I e II*. Tradução de Juvino Maia Junior João Pessoa: Juvino, 2021.

PLOTINO. *Enéada I 1 [53] - Sobre o Vivente e o Homem*. In: Ferreira, Elisa Franca. O homem, a alma e o vivente: a definição do homem nas *Enéadas* de Plotino. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PLOTINO. *Acerca da Beleza Inteligível (Enéada V, 8 [31])* - Introdução, tradução e notas de Luciana Soares. Kriterion (UFMG. Impresso), Belo Horizonte, v. XLIV, p. 110-135, 2003.

PLOTINO. *Acerca do Bem ou do uno: Enéada VI, 9 – tratado 9*. Introdução, tradução e notas: Silveira, Paulo Henrique Fernandes. Revista Integração, n. 53, p. 175-86, 2008.

PLOTINO. Como a multidão das formas veio a existir e sobre o bem (VI.7). In: Santos, David. *Metafísica, ética e religião em Plotino: tradução e estudo da Enéada VI. 7 (38)*. Tese (Doutorado em Filosofia Antiga) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2013.

PLOTINO. *Do amor: Enéada III, 5*. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2015.

PLOTINO. *Enéada II: a organização do cosmo*. Introdução, tradução e notas de João Lupi. Petrópolis, Vozes, 2010.

PLOTINO. *Enéada III.8 [30]: Sobre a natureza, a contemplação e o Uno*. Introdução, tradução e comentário: José Baracat Júnior. Campinas: UNICAMP, 2008.

PLOTINO. *Enéada VI, 9 - Tratado 9: sobre o Bem ou o Um*. Tradução, introdução e notas de Bernardo Lins Brandão. Petrópolis: Editora Paideusis, 2020.

PLOTINO. *Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino*. Tradução e notas de Baracat Junior. 700 f. (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Campinas, 2006.

PLOTINO. sobre a eternidade e o tempo (III, 7 [45]). Introdução, tradução e notas: Baracat Junior, José Carlos. In: Puente, Fernando Rey; Baracat Junior, José Carlos (orgs.). *Tratados sobre o tempo*. Aristóteles, Plotino e Agostinho. Belo horizonte: editora da UFMG, 2014, p. 53-100.

PLOTINO. *Sobre a saída* (I, 9 [16]). Tradução e notas: Fernando Eduardo de Barros Rey Puente. In: Puente, Fernando (Org). *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 63-65.

PLOTINO. Sobre as Hipóstases que têm a Faculdade de Conhecer e sobre o Transcendente. Tradução de Sylvania Gollnick. In: *Ontologia e conhecimento no V.3(49) de Plotino*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. p.115-127.

PLOTINO. *Primeira Enéada*. Tradução de José Seabra Filho e Juvino Maia Junior. Santos: Nova Acrópole do Brasil, 2014. v. 1. 272p.

PLOTINO. *Sexta Enéada* - Tratados 6 a 9. Tradução de José Seabra Filho e Juvino Maia Junior Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2019.

PLOTINO. *Tratados das Enéadas*. Tradução de Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2007 (1º ed. 2000).

Traduções em língua estrangeira

PLOTINO. *Enéadas*. Traducciones y notas de Jesus Igal. vols. I-III. Madrid: Gredos, 1992.

PLOTINUS. *The Enneads*. Edited by Lloyd P. Gerson. Translated by George Stones, John M. Dillon, Lloyd P. Gerson, R. A. H. King, Andrew Smith and James Wilberding. Cambridge University Press, 2018, 931pp.

PLOTINUS. *The Enneads*. Translated by Stephen Mackenna. Revised by B. S. Page. Preface by E. R. Dodds. Introduction by P. Henry. (Third revised edition.) London; Faber, 1962.

HENRY, Paul; Schwyzer, Hans-Rudolph. *Plotini Opera*. Scriptorum classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Oxford: Univ. Pr. (Editio minor), vv. I-III, 1964-1982.

PLOTIN. *Ennéades*. Texte établi et traduit par E. Bréhier. vv. I-VII. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

PLOTINUS. *Plotinus Ennead II.5 On What Is Potentially and What Actually*

.Translation with an Introduction and Commentary by Cinzia Arruzza. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2015.

PLOTINUS. *Ennead II.4 On Matter*. Translation with an Introduction and Commentary by A.A Long. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2022.

Materiais e ferramentas de pesquisa

ANGIONI, Lucas. O léxico filosófico de Aristóteles (III): Comentários a Metafísica V. 18-30. *Revista Dissertatio de Filosofia*, v. 48, p. 295-376, 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA (ANPOF). Relações de trabalhos aprovados para os grupos de trabalho do XX Encontro Anpof, 2024. Disponível em: <<https://encontro.anpof.org.br/wpcontent/uploads/2024/06/trabalhoa-provados-por-GTs.cc.pdf>>. Acesso em 24/07/2024.

BEZERRA, Cícero. Número especial sobre Neoplatonismo - Fontes e Diálogos. v. 49 n. 1 (2022) *Perspectiva Filosófica*. Recife: UFPE, 2022.

BRISSON, Luc e Pradeau, Jean-François. *Vocabulário de Platão*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CASSIN, Barbara. *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Organização de Fernando Santoro e Luisa Buarque. Belo Horizonte: Autentica, 2018.

DIELS, Hermann; Kranz, Walther. *I presocratici*. Traduzione integrale con testi originali a fronte delle testimonianze e dei frammenti nella raccolta di a cura di Giovanni Reale; con la collaborazione di Diego Fusaro, Maurizio Migliori, Ilaria Ramelli, Maria Timpanaro e Angelo Tonelli. Milano: Bompiani, 2017.

KALLIGAS, Paul. *The Enneads of Plotinus: a commentary*. Translated by Elizabeth Key Fowden and Nicolas Pilavachi. New Jersey: Princeton University Press, 2014.

OLIVEIRA, Loraine. Apresentação do Dossiê Plotino, n°. 10 (2013): *Revista Archai*, Brasília, jan. 2013.

OLIVEIRA, Loraine. Notas sobre lógica e dialética em Plotino. (Enéada I, 3 [20] 4-5). *Trans/Form/Ação*, v. 30, p. 167-178, 2007.

PELLEGRIN, Pierre. *Vocabulário de Aristóteles*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

POLLET, Gilbert; Sleeman, J.H. *Lexicon Plotinianum*. Leiden: Brill University Press, 1980.

ROSSETTI, Livio. *Introdução à Filosofia Antiga: Premissas filológicas e outras "ferramentas de trabalho"*. São Paulo: Paulus, 2006.

SANTOPRETE, Luciana; Oliveira, Loraine; Caldas, Emmannuela. Primeiro repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia. Parte I: Histórico da Pesquisa. *Revista Archai*, (5), 151-216, 2010a.

SANTOPRETE, Luciana; Oliveira, Loraine; Caldas, Emmannuela. Primeiro repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia. Parte II: Elenco de autores e títulos. *Revista Archai*, n.5, 236-287, 2010b.

SANTOPRETE, Luciana; Oliveira, Loraine; Fernandes, Mayã. Segundo repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados a Plotino e ao Neoplatonismo da antiguidade tardia. *Classica*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 259-285, 2020.

SCHÄFER, Christian. *Léxico de Platão*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Estudos especializados e introduções

ALMEIDA, Rodrigo. *A união mística na Enéada VI.9 de Plotino*. 2017. 126f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.

BERGSON, Henri. Curso sobre Plotino. In: *Cursos sobre a filosofia grega*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BEZERRA, Cícero. *Compreender Plotino e Proclo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHAGAS, Deysielle. *O conceito plotiniano de hýle: lugar, natureza e geração*. Dissertação de Mestrado em Filosofia - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

CHIARADONNA, Riccardo. *Plotino*. Tradução de Mauricio Marsola. São Paulo: Edições Loyola, 2023.

COSTA, Admar et al (org). *Filosofia antiga*. São Paulo: ANPOF, 2019.

DI SILVA, Maurizio. Plotinus and Augustine on evil and matter. *Archai*, v. 23, p. 205-227, 2018.

FERNANDES, Edrisi. A “superação” Schellinguiana do entendimento Plotiniano da transição do bem para a matéria e o mal. *Archai: Revista de Estudos Sobre As Origens do Pensamento Ocidental*. v.10, 2013, p. 127-140.

GRAESER, Andreas. *Plotinus and the Stoics: a Preliminary Study*. Philosophia Antiqua, 22. Leiden: Brill, 1972.

HENRY, Paul. Plotinus' Place in the History of Thought. In: Mackenna, Stephen. *Plotinus: The Enneads*. London: Faber, 1969. pp. XXXIII-LI.

LONGO, A; Taormina, D. *Plotinus and Epicurus matter, perception, pleasure*. Cambridge University Press: New York City, 2016

LOSSO, Eduardo et al. (Org.). *A Mística e os Místicos*. Petropolis: Vozes, 2022.

NARBONNE, Jean-Marc. *A metafísica de Plotino*. Tradução de Mauricio Pagotto Marsola. São Paulo: Paulus, 2014.

NASCIMENTO, Tadeu. *Sobre a inausência do outro na filosofia de Plotino: o nexo entre metafísica e ética a partir de uma compreensão da unimultiplicidade dos suprassensíveis*. Tese de Doutorado em Filosofia. 212f. Universidade Federal de Sergipe. São Cristovão, 2023.

O'MEARA, Dominic. (2000). Scepticism and Ineffability in Plotinus. *Phronesis*, 45(3), 240–251.

OUSAGER, Asger. *Plotinus on Selfhood, Freedom and Politics*. Aarhus: Aarhus University Press, 2005.

PARENTE, Isnardi. *Introdução a Plotino*. Lisboa: Edições 70, 2005.

PINHEIRO, Marcus. Inconsciente, Consciente e Cosmologia em Plotino. *Archai: Revista de Estudos sobre as Origens do Pensamento Ocidental*, v. 5, p. 49-55, 2010.

PINHEIRO, Marcus. Plotino, exegeta de Platão e Parmênides. *Anais de Filosofia Clássica*, v.1, p. 3, 2007.

REBALDE, João. *Introdução ao estudo de Plotino: uma leitura das Enéadas*. Porto: Edições Afrontamento, 2024.

REEGEN, Jan. A ética em Plotino. In: *Ética e Metafísica*. Organização de

Emanuel Fragoso, João Emiliano Aquino e Marly Soares. Fortaleza: EdUECE, 2007.

REMES, Pauliina. Plotinus's Ethics of Desinterested Interest. *Journal of the History of Philosophy*, Volume 44, Number 1, January 2006, pp. 1-23.

RIST, John. 1971. The problem of "otherness" in the Enneads. In: *Le Néoplatonisme. Actes du colloque de Royaumont 9-13 juin 1969*. Paris: 77-88.

ROBERTSON, David. Talk, ethics and Politics in Plotinus. *Dionysius*, vol. XXVI, 2008, 61-72.

SILVA, Francisca Galiléia. A filosofia árabe medieval teria uma filosofia da religião ou para a religião? *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha*. Fortaleza v. 14 n. 1-2 p. 51-68, 2017.

SILVA, Robert. A felicidade no tratado I.4 de Plotino: breve conceituação em diálogo com peripatéticos, estoicos e epicuristas. *Polymatheia* (Online), v. 13, p. 170-183, 2020a.

SILVA, Robert. A homologia entre o pensamento do Intelecto e os Inteligíveis: a abordagem de Plotino no tratado V.3[49] e um diálogo possível com Empédocles de Agrigento. *KÍNESIS (MARÍLIA)*, v. 12, p. 248-260, 2020.

SILVA, Robert. A natureza complexa da cosmologia metafísica de Plotino: um elogio ao material e uma crítica ao materialismo. *Prometeus Filosofia*, n. 13 (36), 2020b.

SILVA, Robert. Plotino e o tema do homem como animal político. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v. 12, p. 220-234, 2021.

STAMATELLOS, Giannis. *Plotinus and the presocratics: a philosophical study influences in Plotinus Enneads*. Albany: State University of New York, 2007.

STAMATELLOS, Giannis. Plotinus' concept of matter in Giordano Bruno's *De la causa, principio et uno*. *British Journal For The History of Philosophy*, 2017, p. 1-14.

SZLEZÀK, Thomas. *Platão e Aristóteles na doutrina do Nous de Plotino*. Tradução de Monika Ottermann. São Paulo: Paulus, 2010.

TRABATTONI, Franco. *Oralidade e escrita em Platão*. Tradução de Fernando Rey Puente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial; Ilhéus: Editus, 2003.

ULLMANN, Reinholdo. *Plotino: Um estudo das Enéadas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.